

V. N. de Famalicão



Jazigo da Família de Camilo

A minha mulher

Ó doce amparadora,
Se te vejo adormecida,
Cuido que te fuge a vida,
E então minh'alma chora.
Acorda, filha, não durmas;
Ergue a Deus a tua prece;
E as tuas dores oferece
Para que eu morra; e, depois
Que eu morrer, filha, adormece.

(Poema de Camilo Castelo Branco, *O Leme*,
29 set. 1895)

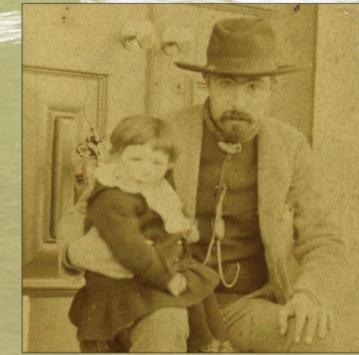
Rua da Seara



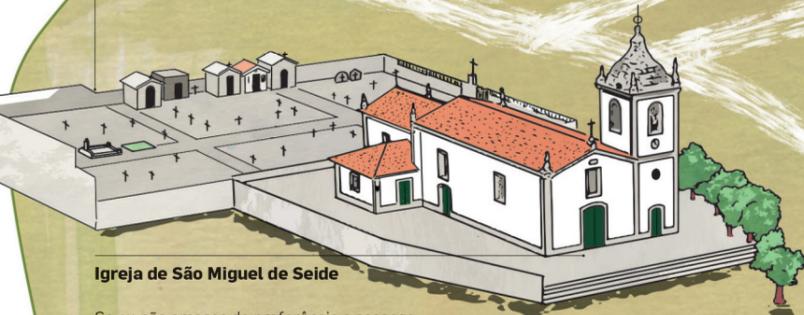
Chalé do Nuno

Envio-lhe hoje a nova frontaria da sua
casa. Malbário já está caboucando nas
pedreiras, e vai abrir alicerces.

(Carta a Silva Pinto, 04 jan. 1882)



Rua Raquel Castelo Branco



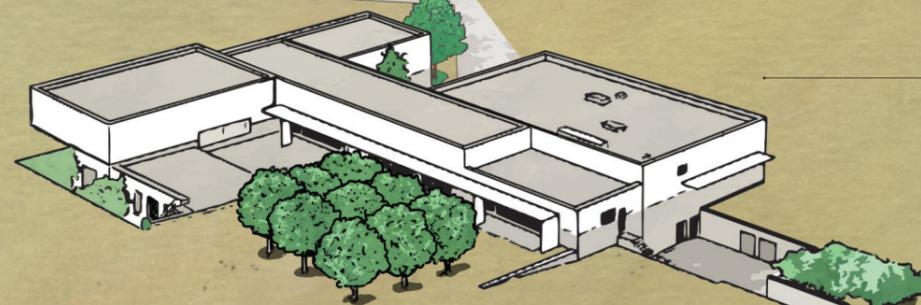
Igreja de São Miguel de Seide

Se eu não amasse de preferência o sossego
do túmulo, amaria o rumor destas árvores, o
murmúrio do córrego onde vou cada tarde ver
a folhinha seca derivar na água límpida; amaria
o pobre presbitério, que há trezentos anos
acolhe em seu seio de pedra bruta as gerações
pacíficas, ditosas, e incultas destes selvagens
felizes que tão iluminadamente amaram e
serviram o seu Criador. Amaria tudo; mas amo
muito mais a morte.

(*Amor de salvação*, 1864)



Largo de Camilo



Casa de Camilo – Centro de Estudos

Depois da minha morte, é natural que os
estilistas se preocupem com a minha vida
e os meus recursos de Artista.

(Carta ao Padre Sena Freitas, [1887])

Requieço

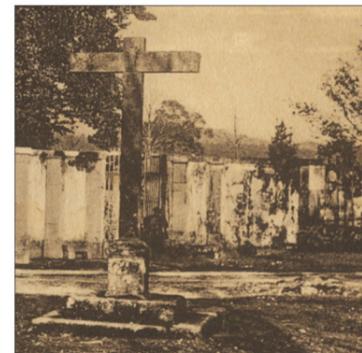
Landim

Rua Dr. Manuel Faria

Busto de Camilo

[António José Pinto Monteiro] estendeu-me
firme dois dedos, e desfechou-me logo em
estilo de presidente de câmara municipal
sertaneja às pessoas reais, uma alocução a
minha imortalidade de romancista, lamentando
que eu ainda não tivesse em Portugal uma
estátua... equestre; parece-me que ele não
disse estátua equestre. Achei-lhe razão.

(*O cego de Landim*, 1876)



Cruzeiro

Obelisco à memória da visita de António Feliciano de Castilho e de Tomás Ribeiro

São passados dez anos depois que vieste
aqui. Foi ontem; e a pedra onde gravei o teu
nome está denegrida como a dos túmulos
antigos. Debaixo dela estão dez anos da nossa
vida. Jazem ali os homens que então éramos.
Estou vendo Castilho encostado ao friso da
coluna tosca; estou ouvindo os teus versos
recitados em nome de meus filhos... Ah! É
verdade... tu não os recitaste porque tinhas
lágrimas na voz e no rosto.

(*Maria Moisés*, 1876. Dedicatória a Tomás Ribeiro)

Mirante de Ana Plácido

Eu sou um homem que sabe tudo e mui-
tas outras cousas. Não espreito a vida
do meu próximo, nem ando pelos salões
atrás de uma ideia que possa estender-
se por um volume de trezentas páginas,
que, depois, vil espião, venho vender-vos
por 480 réis. Isso, nunca. Tudo isto que
eu sei, e muito mais que espero saber,
é-me contado por uma respeitável
senhora.

(*A filha do arceidiago*, 1854)

Acácia do Jorge

Durante a febre

À porta do sepulcro, ainda volto a face
Para ver-te chorar, ó mãe do filho amado,
Que vê, como num sonho, a cena do trespasse...
Sorve-lhe o eterno abismo o pai idolatrado.

Talvez que ele, *a sonhar*, te diga: «Mãe, não chore
Que o pai há-de voltar...» Quem sabe se virei?!
Quando a *Acácia* do Jorge ainda outra vez enflorir
Chamai-me, que eu de abril nas auras voltarei.

(*Poesias dispersas*, 1862)



Casa de Camilo – Museu

Eu vivo há 27 anos em uma casa campestre,
entre S. Tirso e Vila Nova de Famalicão,
conhecida por S. Miguel de Seide. Aqui
escrevi a maior parte dos meus livros, aqui
envelheci completamente afastado do mundo
que abandonei no vigor da mocidade, e aqui
tencionava morrer. Porém, a suprema desgraça
me veio aqui ferir no mais sensível da minha alma
matando-me uma neta e enlouquecendo-me um
filho – os únicos amparos a que se encostava a
minha velhice.

(Carta ao Visconde de Luzares, 01 set. 1883)

Quivães

Rua Nova São do